

Sesc Rio apresenta

## “Boca de Ouro”, de Nelson Rodrigues

direção de Gabriel Villela

estreia dia 19 de janeiro no Teatro Sesc Ginástico

*Malvino Salvador vive o lendário bicheiro carioca, ao lado de Mel Lisboa, Claudio Fontana, Lavínia Pannunzio, Chico Carvalho, Leonardo Ventura, Cacá Toledo, Mariana Elisabetsky, Jonatan Harold e Guilherme Bueno.*

*Um cordão típico das gafeiras mais tradicionais do país abre a versão de Villela para a tragédia carioca de Nelson Rodrigues (1912-1980), escrita em 1959. Usando confetes, serpentinas e máscaras, o diretor, responsável também pela cenografia e figurinos, cria uma encenação com aura de carnaval, embalada por 14 grandes sucessos que vão de Dalva de Oliveira, Herivelto Martins, Ary Barroso, Ataulfo Alves, Lupicínio Rodrigues a João Bosco, entre outros.*



**jspontes**  
COMUNICAÇÃO  
[www.jspontes.com.br](http://www.jspontes.com.br)

Tel: [55 21] 2554-5576  
João Pontes [55 21] 99983-7232  
Stella Stephany [55 21] 99983-9540  
[f joao.stella.pontes](https://www.facebook.com/joao.stella.pontes)  
[i ispontes comunicacao](https://www.instagram.com/ispontes_comunicacao)

ESTREIA: dia 19 de janeiro (6ªf), às 20h (horário válido somente na estreia)  
LOCAL: Teatro SESC Ginástico - Av. Graça Aranha, 187 - Centro / RJ Tel: (21) 2279-4027  
HORÁRIOS: 6ª e sab às 19h; dom às 18h / INGRESSOS: R\$30, R\$15 (meia) e R\$7,50 (associados SESC) / DURAÇÃO: 110 min  
/ GÊNERO: tragicomédia / CAPACIDADE: 513 lugares / CLASSIFICAÇÃO: 14 anos / HORÁRIO FUNCIONAMENTO DA  
BILHETERIA: de 3ª a dom, das 13h às 20h / TEMPORADA: até 25 de fevereiro (com parada no período de carnaval, entre os dias 9 e 18 de fevereiro)

Boca de Ouro é um lendário bicheiro carioca, figura temida e megalomaniaca, que tem esse apelido porque trocou todos os dentes por uma dentadura de ouro. Também é conhecido como o Drácula de Madureira. Quando Boca é assassinado, seu passado é vasculhado por um repórter. Sua fonte é dona Guigui, ex-amante do contraventor, mulher que, ao longo da peça, revela diferentes e contraditórias versões do bicheiro.

Este é o mote da tragédia carioca “Boca de Ouro”, cujo papel-título é vivido por **Malvino Salvador**, na montagem de **Gabriel Villela** que chega ao Rio depois de quatro meses de sucesso no Teatro Tucarena, em São Paulo. Estão ainda no elenco **Mel Lisboa** e **Claudio Fontana**, como o casal Celeste e Leleco; **Lavínia Pannunzio**, que vive a transtornada Guigui, ao lado de **Leonardo Ventura**, que dá vida a seu fiel e apaixonado marido Agenor. **Chico Carvalho** é Caveirinha, o rodriguiano repórter que carrega em si o olhar afiado e crítico Nelson Rodrigues, jornalista que durante anos trabalhou em redações e conheceu ele próprio os vícios e contradições da imprensa. **Cacá Toledo** e **Guilherme Bueno** completam o elenco junto a **Jonatan Harold**, ao piano, e **Mariana Elisabetsky**, interpretando as 14 canções do espetáculo.

Esta é o **terceiro texto de Nelson Rodrigues encenado por Gabriel Villela**. Em 1994 montou **A Falecida**, com Maria Padilha no papel título, e em 2009 **Vestido de Noiva**, protagonizado por Leandra Leal, Marcello Antony e Vera Zimmerman.

Malvino Salvador fala de sua experiência na pele do bicheiro de Madureira e da expectativa com a temporada carioca: *“Essa peça foi muito importante na minha carreira pelo aprendizado que eu adquiri, por ter dividido o palco com grandes atores, por conhecer o universo do Gabriel Villela, que é um dos nossos maiores diretores, que tem uma personalidade vibrante, impressa nas suas montagens. (...) Para mim está sendo muito importante trazer Boca de Ouro aqui para o Rio que, a gente sabe, é uma das principais praças do Brasil, e onde se criou o universo rodriguiano. Depois de uma temporada de sucesso em SP, tanto de público quanto de crítica, a peça tem o potencial de chegar aqui de uma maneira muito bonita, é isso que eu espero.”*

## SINOPSE

Boca de Ouro (Malvino Salvador) é um lendário bicheiro carioca, figura temida e megalomaniaca, que tem esse apelido porque trocou todos os dentes por uma dentadura de ouro. Quando Boca é assassinado, seu passado é vasculhado pelo repórter Caveirinha (Chico Carvalho), que vai até a casa da ex-amante Guigui (Lavínia Pannunzio). Lá, ouve a versão da ex-amante, que desanca o bicheiro. Ao saber de seu assassinato, Guigui se arrepende e exalta Boca como uma figura amorosa. Já no terceiro ato, Guigui volta a desancar o bicheiro, pois teme ser abandonada pelo marido Agenor (Leonardo

Ventura). Nas três versões relatadas, surge o casal Celeste (Mel Lisboa) e Leleco (Claudio Fontana), que tem relação direta com o assassinato de Boca de Ouro.

## UMA TRAMA ATUAL

As diferentes versões de Guigui para a morte de Boca de Ouro levaram Gabriel Villela a fazer conexões com uma pesquisa recente da universidade de Harvard, sobre um fenômeno contemporâneo chamado “pós-verdade”. Villela explica: *“É um produto da modernidade tecnológica: você inventa uma história, realinha ideias, publica, arruma vários seguidores e isso se amplia, viraliza na internet e ninguém mais sabe sobre o que se está falando. Somos todos vítimas disso. (...) A Guigui é insuperável – com três expedientes emocionais e psíquicos, ela conta três vezes a mesma história, embaralhando com maestria para que tudo seja incrivelmente verdadeiro”*.

## A MONTAGEM

A ambientação idealizada por Gabriel Villela remete a uma gafeira, com mesas e cadeiras, revezando-se entre uma redação de jornal e as casas dos personagens.

Dentro das iconografias do subúrbio carioca, Gabriel se utiliza da simbologia do Candomblé e das mascaradas astecas no espetáculo. A casa de Celeste e Leleco traz muitas representações de Orixás sincretizados. A figura de Iansã (Guilherme Bueno) aparece toda vez que uma cena de morte acontece - ela faz a contrarregragem das mortes.

O Brasil retratado na cena: a política, as narrativas contraditórias, a libido, a festa da gafeira, o jogo do bicho, a fé e a música. Retratos de uma época que nos mostram que o Brasil pouco mudou, e que o dramaturgo nascido em Pernambuco em 1912 e radicado no Rio de Janeiro, nunca foi tão atual.

Além da direção, Gabriel Villela assina os figurinos e a cenografia. A iluminação é de **Wagner Freire**, a direção musical e preparação vocal são assinadas por **Babaya** e a espacialização e antropologia da voz por **Francesca Della Monica**. Os diretores assistentes **Ivan Andrade** e **Daniel Mazzarolo** completam a equipe criativa.

## AS MÚSICAS

*Cidade Maravilhosa* (Andre Filho)  
*Vingança* (Lupicínio Rodrigues)  
*Ave Maria do Morro* (Herivelto Martins)  
*Lencinho Branco* (Dalva de Oliveira)  
*A Noite do Meu Bem* (Dolores Duran)  
*Na Cadência do Samba* (Ataulfo Alves)  
*Ne Me Quittes Pas* (Jacques Brel)  
*Última Estrofe* (Orlando Silva)  
*Eu Dei* (Ary Barroso)

*O Ouro e A Madeira* (Ederaldo Gentil)  
*Hino ao Amor* (Edith Piaf / M. Monnot)  
*Não Deixe o Samba Morrer* (Edson Conceição e Aloísio Silva)  
*Bang Bang - My Baby Shot Me Down* (Sonny Bono)  
*De Frente Pro Crime* (João Bosco)

## A CRÍTICA

*“(Villela) Coloca no palco do Tucarena não só um carrossel de referências visuais, de imagens que remetem sequencialmente para todo lado, mas as integra com riqueza de significados ao texto rodriguiano - e às atuações, elas também com abundância de registros, inspirada no autor. São grandes atuações, a começar do personagem-título, que na caracterização de Malvino Salvador, dirigido por Villela, se mostra alternadamente frágil como uma criança, monstruoso e cinicamente inteligente. Já conhecido pela densidade que demonstrou em montagens cariocas, Salvador ganha agora ares de ator pleno, pronto para grandes papéis.”* (Nelson de Sá, Folha de São Paulo)

*“Há soluções cênicas dignas de nota, resultado da combinação entre engenho, objetos do cotidiano e uma apurada iluminação. O tamborilar de dedos na mesa reproduz à perfeição o som das máquinas de escrever, varas de bambu tomam o lugar de adagas japonesas e taças de vidro cumprem o papel de telefones. (...) Ainda que se trate de um traço recorrente na trajetória desse criador, a exuberância visual aqui alcança patamar distinto de seus trabalhos mais recentes. Em Boca de Ouro, a beleza de uma cena não se encerra em si; o apuro estético está a serviço do conjunto.”* (Maria Eugenia de Menezes Estadão)

*“Costumo escrever a matéria de um espetáculo um ou dois dias após a ele ter assistido, mas quando o deslumbramento é muito grande procuro dar um tempo, esperar a poeira baixar e então voltar a ele, com menor perigo de adjetivar demais. Já faz uma semana que assisti Boca de Ouro e ainda me sinto tocado pela beleza e perfeição da leitura de Gabriel Villela para o texto de Nelson Rodrigues.”* (José Cetra, Palco Paulistano)

## FICHA TÉCNICA

**Texto:** Nelson Rodrigues / **Direção, Cenografia e Figurinos:** Gabriel Villela / **Elenco:** Malvino Salvador (*Boca de Ouro*), Mel Lisboa (*Celeste*), Claudio Fontana (*Leleco*), Lavínia Pannunzio (*Guigui*), Leonardo Ventura (*Agenor*), Chico Carvalho (*Caveirinha* e *Maria Luisa*), Cacá Toledo, Guilherme Bueno, Mariana Elisabetsky, Jonatan Harold (ao piano) e Guilherme Bueno / **Iluminação:** Wagner Freire / **Direção Musical e preparação Vocal:** Babaya / **Espacialização vocal e antropologia da voz:** Francesca Della Monica / **Diretores assistentes:** Ivan Andrade e Daniel Mazzarolo / **Foto:** João Caldas / **Produção executiva:** Luiz Alex Tasso / **Direção de produção:** Claudio Fontana / **Realização:** SESC Rio / **Assessoria de Imprensa:** JSPontes Comunicação – João Pontes e Stella Stephany

## GABRIEL VILLELA - diretor

Gabriel Villela estudou Direção Teatral na USP. É diretor, cenógrafo e figurinista. Iniciou sua carreira profissional em 1989 com VOCÊ VAI VER O QUE VOCÊ VAI VER, de Raymond Queneau, e O CONCÍLIO DO AMOR, de Oscar Panizza. Desde então, recebeu 3 Prêmios Molière, 3 Prêmios Sharp, 12 Prêmios Shell, 10 Troféus Mambembe, 6 Troféus APCA, da reconhecida Associação Paulista de Críticos de Arte, 5 Prêmios APETESP, da Associação de Produtores de Espetáculos Teatrais de São Paulo, 2 Prêmios PANAMCO e 1 Prêmio Zilka Salaberry.

Encenou Camus (CALÍGULA), Heiner Muller (RELAÇÕES PERIGOSAS), Calderón de La Barca (A VIDA É SONHO), Schiller (MARY STUART), William Shakespeare (MACBETH, RICARDO III e ROMÉU E JULIETA), Strindberg (O SONHO), e os dramaturgos brasileiros Néson Rodrigues (A FALECIDA e VESTIDO DE NOIVA), Arthur Azevedo (O MAMBEMBE), João Cabral de Melo Neto (MORTE E VIDA SEVERINA), Carlos Alberto Soffredini (VEM BUSCAR-ME QUE AINDA SOU TEU), Dib Carneiro Neto (SALMO 91 e UM RÉQUIEM PARA ANTONIO) e Luís Alberto de Abreu (A GUERRA SANTA) e Alcides Nogueira (VENTANIA, A PONTE E A ÁGUA DE PISCINA). Dirigiu uma trilogia de musicais de Chico Buarque para o TBC: ÓPERA DO MALANDRO, OS SALTIMBANCOS e GOTA D'ÁGUA. Dirigiu shows de artistas como Elba Ramalho, Maria Bethânia, Milton Nascimento e Ivete Sangalo, musicais, óperas, dança e especiais para TV. Foi Diretor Artístico do Teatro Glória/RJ (1997/99) e também do TBC Teatro Brasileiro de Comédia/SP (2000/01).

Tornou-se um dos mais renomados diretores teatrais com reconhecimento internacional, sendo convidado a participar de Festivais nos EUA, Europa e América Latina. Com o Grupo Galpão (ROMÉU E JULIETA), Gabriel Villela foi convidado para uma temporada no Globe Theatre, em Londres, conquistando a crítica e o exigente público londrino. O espetáculo voltou a Londres em 2012 para participar da OLIMPÍADA CULTURAL, evento paralelo aos Jogos Olímpicos de 2012, em Londres.

Seus últimos trabalhos foram HOJE É DIA DE ROCK, de Zé Vicente e BOCA DE OURO, de Nelson Rodrigues (2017), RAINHAS DO ORINOCO, de Emilio Carballido, com Walderez de Barros e PEER GYNT, de Ibsen, com Mel Lisboa e Chico Carvalho, em 2016, A TEMPESTADE (2015) com Celso Frateschi, UM RÉQUIEM PARA ANTONIO (2014), com Elias Andreato e Claudio Fontana, OS GIGANTES DA MONTANHA (2013), de Pirandello, com o Grupo Galpão e MANIA DE EXPLICAÇÃO, com Luana Piovani. Em 2012, MACBETH, com Marcello Antony e Claudio Fontana. Também dirigiu VESTIDO DE NOIVA, de Nelson Rodrigues, com Leandra Leal e Marcello Antony (2009), CALÍGULA, de Albert Camus, com Thiago Lacerda (2008/09/10) O SOLDADINHO E A BAILARINA (2010), com Luana Piovani, SUA INCELENÇA RICARDO III com o Grupo Clowns de Shakespeare. Dirigiu também em 2011 CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA, com Xuxa Lopes, adaptação do livro de Lucio Cardoso, que lhe rendeu o Prêmio SHELL de Melhor Figurinista e indicação a Melhor Direção e HÉCUBA, de Eurípidés, com Walderez de Barros.